DE CAMPOS RIBEIRO

GRAÇA ARANHA E O MODERNISMO NO PARÁ

2ª edição

CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA
BELÉM — PARÁ
1973

Para Mário Ypiranga Monteiro,

Mestre do Pensamento amazonico,

com o alto apreço

do confrade e amigo

[illegible]

Julho, 27

1973

COLEÇÃO "LITERATURA PARAENSE"
Série "Inglês de Sousa"

DE CAMPOS RIBEIRO

GRAÇA ARANHA E O MODERNISMO NO PARÁ

2ª edição

CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA
BELÉM -- PARÁ
1973

OS ACADÊMICOS BRASILEIROS — Graça Aranha (*)

(*) Reproduzido da foto que ilustra, na Capa "A REVISTA DO NORTE" — Ano 2 — Nº 27, São Luís, Maranhão, 1º de outubro de 1902.

APRESENTAÇÃO

"GRAÇA ARANHA E O MODERNISMO NO PARÁ", conferência ora apresentada em segunda edição revista pelo autor, foi o primeiro trabalho dado a público pelo Conselho Estadual de Cultura, por ocasião das homenagens tributadas ao Mestre de "Canaã", em todo o país, pelo centenário de seu nascimento, ocorrido no ano de 1969.

A incumbência de falar sobre Graça Aranha, confiou-a o Egrégio Conselho ao Exmo. Senhor Conselheiro, Dr. José Sampaio de Campos Ribeiro, da Câmara de Letras e Artes, uma das figuras mais respeitáveis de nossas letras, exatamente credenciada para fazê-lo, integrante que fora da mocidade intelectual do Pará em 1922, o ano em que se verificou A Semana da Arte Moderna, passo inicial da marcha do Modernismo no Brasil. Seu pronunciamento reflete, pois, sem favor, um testemunho fiel dos reflexos do Movimento entre nós, como o de um fecundo depoente e ativo companheiro dos que nele se engajaram.

A repercussão que há granjeado a conferência de De Campos Ribeiro fez que cedo se lhe esgotasse a edição primitiva (GRAFISA, Belém, Pará, 1969). E diante das reiteradas solicitações que lhe chegam, de interessados em conhecer o precioso conteúdo de tão festejado e brilhante trabalho, honra-se o Conselho Estadual de Cultura em relançá-lo na presente edição, incluindo-o em sua Coleção "Literatura Paraense" — Série "Inglês de Sousa", com o que presta serviço efetivamente valioso aos meios culturais, nas revelações de "Graça Aranha e o Modernismo no Pará".

CLOVIS SILVA DE MORAIS RÊGO
Presidente
do Conselho Estadual de Cultura do Pará

CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA

"GRAÇA ARANHA E O MODERNISMO NO PARÁ"

(2ª edição, revista pelo autor e ilustrada com documentário fotográfico)

Trinta e oito anos depois de sua morte, e justamente na decorrência do centenário de seu nascimento, em São Luiz do Maranhão, volta a receber homenagens de vários tons a figura de Graça Aranha, expoente das letras nacionais em determinada época.

Lamentavelmente, menos que ao romancista, o crítico, o ensaísta, o diplomata da mais alta expressão cultural no seu tempo, o destaque maior à memória de José Pereira da Graça Aranha será talvez por sua atitude de "Condottiere" de uma rebelião literária e artística em que, afinal, menos que chefe legítimo, coordenador e orientador da nova corrente estética, e mais cedo que esperasse veria o nome sem maior expressão que a de simples bandeira, signa ou cartaz dos "sans-culottes" da espiritual, ruidosa rebelião, cujos desígnios eram a derribada dos moldes clássicos em uso no bem escrever de poetas e prosadores. Tínhamos, até então, no concenso dos inovadores, uma literatura "papel carbono" da mais caprichada fatura européia. . .

E foi na voz de Graça Aranha, membro eminente da Academia Brasileira de Letras, que reboou, em 1924, na Casa de Machado de Assis, o brado de santa ira, o "Deus o quer" da cruzada dita libertadora, a guerra de banimento das velhas fórmulas em que, ele próprio, artista do bom vernáculo, dera a público o notável romance "Canaã" e os ensaios de altíssimo pensamento da "Estética da Vida" publicados na "Revista Brasileira".

A "Semana da Arte Moderna" decorrera de 11 a 18 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo. E nela a voz de Graça Aranha se fizera ouvir, numa conferência, em a noite de 15, no festival mais importante dos três programados — o da Literatura e Poesia.

Mas foi quase dois anos e meio após, a 19 de junho de 1924, quando proferiu na Academia a conferência "O Espírito Moderno", que desencadeou o que se constituiu inusitado "escândalo" para a sisudeza do Silogeu . . .

Os protestos de calorosa restrição ao que pregava, culminando com o de Coelho Neto ao se declarar "o último heleno", resultaram na explosão consagradora dos jovens rebeldes, que carregaram em triunfo o surpreendente violador dos cânones acadêmicos . . .

Graça Aranha, com seu brado atroador de emancipação estética, inegavelmente assinalava, naquele tumultuário 19 de junho, o marco da irrevocabilidade para o Movimento, cuja marcha, a partir dali, se haveria de acelerar. Sua atitude de apaixonado desassombro teria fatalmente que conclamar à rebelião, avolumando-lhe os estos de novidade, a juventude

artística e literária naquele "Delenda Academia". . .

E em São Paulo, breve surgiria a ação do jovem e robusto talento que se faria o papa dos modernistas, Mário de Andrade, embora adverso declarado do título de Futuristas que a si mesmo se davam não poucos dos seguidores da Idéia Nova.

São Paulo e Minas agrupavam a juventude dos antropofagistas e do Leite Crioulo, os entusiastas do movimento Futurista do sr. Phillipe Marinetti, criado há mais de um decênio e no velho mundo já superado, entusiasmo nascido porventura da breve passagem de Marinetti pelo Brasil, na década de vinte.

No Rio de Janeiro, o grupo a cuja frente se destacavam Onestaldo Penafort e Murilo Araujo erigia na revista "Árvore Nova" seu bastião fundamental para a arrancada reformista.

Interessante notar que os Modernistas, em manifestos e pronunciamentos outros, com freqüência repetidos, porfiavam à cata do que se lhes afigurava a Beleza, enquanto Graça Aranha já declarara:

"Não é somente da utilidade, da idéia do útil, que o conceito da arte deve ser dissociado. Também se deve libertar da idéia de beleza, atribuída como fim supremo da arte. A associação da idéia de beleza à idéia de arte é pertubadora para a verdadeira explicação do sentimento estético. Nenhum preconceito tem sido mais vivo do que este que faz do belo o fim da arte e a sua razão de ser. A essência da arte, que está naqueles sentimentos vagos da Unidade do Universo comunicados pelos contactos sensíveis, não se pode restringir ao conceito abstrato do belo".

"Como precisar a idéia do belo? Nada mais indefinível e incerto. A beleza em si, a beleza objetiva, é uma idéia abstrata, cujo subjetivismo é infinitamente variável. O belo é um perpétuo equívoco entre os homens".

Mas, com tristeza, e em que pese à memória do maranhense ilustre da "Viagem Maravilhosa", arrimados à palavra de José Veríssimo assalta-nos a dúvida de que a pregação rebelde de Graça Aranha não tenha sido mais do que mera cópia de outro movimento por ele vivido, ao tempo de sua vida acadêmica no Recife. Sua atitude contrária aos cânones acadêmicos, na condenação ao que em nosso estilo literário via como prova de sequidão e de vazio, leva-nos àquela dúvida em face do que nos diz José Veríssimo, de que o movimento de idéias manifestadas na Europa, antes que se acabasse a primeira metade do século XIX,com o surgimento do Positivismo Contista, o transformismo darwinista, o evolucionismo spenceriano, o intelectualismo de Taine e Renan, e mais o que chamam quejandas correntes de pensamento cuja influência na literatura poriam termo ao domínio exclusivo do Romantismo, só se entrou a sentir no

Brasil, pelo menos, vinte anos depois de verificada a sua influência ali. Sucessos de ordem política e social, e ainda de ordem geral, determinaram-lhe ou facilitaram-lhe a manifestação aqui. Atuando simultaneamente sobre o nosso entendimento e a nossa consciência, pela comoção causada nos espíritos aptos para lhes sofrer o abalo, estes diferentes sucessos produziriam um salutar alvoroço, do qual evidentemente se ressentiu o nosso pensamento e a nossa expressão literária. Às idéias nem sempre coerentes, às vezes mesmo desencontradas daquele movimento, fautoras também nos acontecimentos sociais e políticos apontados, chamamos aqui de modernas; expressamente de "pensamento moderno". A novidade que tinham, ou que lhes enxergávamos, foi principalíssima parte no alvoroço com que as abraçávamos.

E aponta Veríssimo como um de seus principais agentes Tobias Barreto, para destacar a maneira como "o porventura mais inteligente" dos alunos do poeta de "Dias e Noites", Graça Aranha, viria a exaltá-lo, no que chamou o estilo em que a nossa gente se excusa a clarificar as próprias idéias e se embriaga de palavras. Em discurso na Academia Brasileira de Letras, Graça ressaltou a figura de Tobias, afirmando que em 1882, o mestre amado que seus condiscípulos não compreenderam e de cuja reputação ainda se espantam e sorriem, abalava como um ciclone a sonolenta Academia de Direito do Recife. Nunca — diz-nos ainda o crítico paraense — os máximos pensadores dos grandes países de alta cultura haviam logrado ser tão grandiloquamente celebrados quanto Tobias na oração de Graça Aranha.

A reminiscência do "ciclópico abalo" de Tobias na Academia do Recife, como estímulo ao anti-academismo de Graça em vinte e quatro, também a viu Luiz da Câmara Cascudo, manifestando-a a Joaquim Inojosa, o Arauto impertérrito que Ronald de Carvalho chamou "Bandeirante da Arte Moderna", o qual lançou o grito da renovação em "A Arte Moderna", revolucionária carta à intelectualidade moça da Paraíba, em 1924, documento por Wilson Martins crismado de "epístola paulina" destinada a difundir o Modernismo no Nordeste".

A opinião de Cascudo, inserida por Inojosa na obra monumental em que historia a implantação do Movimento no Nordeste e sua repercussão no Norte, expressou-se nestes termos: "Pensamos no que diria muita gente se soubesse que o senhor Graça Aranha usou períodos, pensamentos, palavras e obras de . . . Tobias Barreto, em 1882, quando afrontando os manes do ilustre Osório, chamou a Academia disso, daquilo, daquiloutro. Interessante pensar que muito francês célebre está recapitulando os

apógrafos e lápides gregas . . . a fazer modernismo."

O movimento modernista, porém, como não poderia deixar de acontecer, começou a estender-se, de São Paulo e do Rio, a outros centros, revelando magníficos talentos, mas dando aso, igualmente, ao exibicionismo da cabotinagem de quanta gralha entendia de vestir-se com penas de pavão . . .

Enquanto isso, já em 1926 a figura de Graça como Profeta da nova era, esfumara-se ante a liderança em S. Paulo do talento de escol de Mário de Andrade, então em plena discordância com o revoltado egresso do nosso "Petit Trianon". É o que pode observar-se reportando-nos a uma entrevista de Mário à "A Noite", do Rio, e que nestes termos veio a lume:

Mário de Andrade, pelo jornal chamado o Papa da nova escola artística, foi interpelado, de início, como os futuristas receberiam a criação de seu mês. Se era possível ou não, se os escritores estavam ou não dispostos a escrever. E assim se expressou "A Noite": O Sr. Mário de Andrade recebe a idéia com foguetórios de elogios. Esplêndido! Maravilhoso! Sublime!

Mas, com a sua autoridade de papa, ou melhor de chefe de escola, discorda do que ele chama "tabuleta". Nada de mês futurista. Nem ele nem os companheiros são futuristas. Modernistas, modernistas. Com a tabuleta de futurista não escreverá. O Sr. Mário de Andrade, apesar das suas extravagâncias literárias é uma criatura de uma infinita simplicidade, inteligentíssima, culta, alegre, jovial! Em dois minutos fica a gente seu camarada.

Mostramos-lhe o desejo de entrevistá-lo.

Repeliu.

— Não dou entrevistas a vocês jornalistas.

Por que?

— Porque "A NOITE", certamente, há de querer modificar o meu português.

— Mas "A Noite" publicará as suas palavras tim-tim por tim-tim.

— Com todos os meus solecismos, ou melhor, com aquilo que vocês passadistas chamam solecismo?

— Perfeitamente.

— Pois então vamos lá. Mas, para que saia tudo exatamente como eu disser, você faz as perguntas e eu as responderei escrevendo na máquina.

— Seja feita a vontade papal.

Sentou-se junto à máquina e disse-nos:

— Pergunte.

— Falemos de literatura futurista, começamos.

— Já vem com futurismo! . . . Fale Modernismo, que custa! E fica certo.

— Pois então me diga qual a situação do Modernismo no Brasil.

— Mais que boa. Assim uma espécie do plenamente grau nove das escolas. Não dou muito tempo terá distinção.

— Confesso que me custa um pouco entender essa terminologia fut. . . Perdão, modernista.

— Qualquer tentativa em que a gente se mete é uma espécie de exame, exame da força de quem faz e da fecundidade do que faz. Ora, de todas as tentativas de modernismo artístico do mundo, talvez a que achou melhor solução para si mesmo foi a brasileira.

— Você pode provar . . .

— Não me atrapalhe. Provo. Toda tentativa de modernização implica a passadistização da coisa que a gente quer modernizar. Assim nos sujeitos indivíduos que **tentam** é natural, quase imprescindível a psicologia do revoltado. A gente se revolta contra o que parou. Isso perturba o indivíduo, faz ele praticar exageros, leviandades e perder principalmente muito da posse de si mesmo. Foi o que sucedeu em **quase** todo o modernismo artístico da nossa época. Como primeiro trata-se de destruir, os exageros até são úteis, porque depois carece construir e aí é que são elas! A gente tem precisão de muita calma e de munheca rija senão não aguenta o repuxo. Veja o Futurismo Italiano. Fez um chinfrim danado, destruiu, destruiu, encasquetou de matar o **chiaro de luna** e outras bobagens, matou? Matou nada! E vai, o Futurismo ficou matando o luar até agora e não achou uma saída humanamente artística. Que nota a gente pode dar para ele? Zero. O futurismo italiano tomou bomba.

— No entanto, Papini . . .

— Papini para achar uma solução eficiente de arte saiu do Futurismo e o mesmo sucedeu com Maiaskowsky, o poeta da Russia comunista. E no mesmo erro dos italianos caiu muita gente de França, Alemanha, o pessoal do "Sturm", os dadaístas, os cubistas integrais . . .

Ou cairam na imitação de si mesmos, que nem estes nem os dadaístas, tomaram gosto na revolta e despencaram de revolta em revolta, mostrando uma incapacidade dolorosa para criar e serem fecundos na criação. Ficaram uns "extras" muitas vezes saborosos, mas porém gente excepcional, banquete de elites iniciadas e secretas, monstros e raridades, homens que jejuam trinta dias e que os **dilettantes** pagam dois mil réis de entrada para ver. Numa revolta o importante é não ficar marcando passo . . . A gente se excetua apenas o tempo necessário para conquistar mais liberdade e sobretudo visão melhor da torrente, humana. Mas depois

se reintegra na torrente, porque só mesmo dentro dela pode ser eficiente e fecundo. Pois até já não se fala que muitos de nós, modernistas brasileiros, estamos voltando para trás? Voltando nada! Não paramos na revolta, esse foi o fato com que aceitamos a primeira pergunta do nosso exame.

— Mas então confessa que a orientação atual do Modernismo já se aparenta mais com o passado?

— A revolta é uma quebra de tradição, revolta acabou, a tradição continua evoluindo. Todo mundo dormia na pasmaceira da nossa literatura oficial, nós gritamos "Alarma!" de sopetão e toda gente acordou e começou se mexendo. Agora querem que a gente continue gritando "Alarma!" toda a vida. . . Não carece mais, pois tudo já se alarmou e trabalha. Repare que fuque-fuque agitada vai agora por nossa literatura. Pois nós seguimos o nosso caminho sem mais gritos de revolta.

— E pode se saber qual é esse caminho?

— Todo o segredo da nossa revolta estava em dar uma realidade eficiente e um valor humano para nossa construção. Isso estamos descobrindo. Ora o maior problema atual do Brasil consiste no acomodamento da nossa sensibilidade nacional com a realidade brasileira, realidade que é só feita de ambiente físico e dos enxertos de civilização que grelam nele, porém comportando também a nossa função histórica para conosco e social para com a humanidade. Nós só seremos deveras uma raça o dia em que nos tradicionalizarmos integralmente e só seremos uma nação quando enriquecermos a humanidade com um contingente original e nacional de cultura. O Modernismo brasileiro está ajudando a conquista desse dia. E muito, juro para você.

— Se conseguir . . .

— Consegue. Basta ver a maneira com que já matamos a melancolia de nós mesmos, essa coisa medonha criada pelo desacomodamento com a realidade ambiente. O modernismo brasileiro matou a saudade pela Europa, a saudade pelos gênios, pelos ideais, pelo passado, pelo futuro, e só sente saudade da amada, saudade do amigo . . . O modernista brasileiro vive, não revive. Por isso o soneto conceituoso e o poema evolutivo morreram. E porque "Vivemos", necessariamente estamos vivendo o Brasil, que é nossa terra, família, presente e tradição. Isso é muito importante: sentir e viver o Brasil não só na sua realidade física, mas na sua emotividade histórica também. Sentir a beleza natural do Rio de Janeiro isso um bife também pode, mas sentir porém as lutas contra os franceses, Estácio de Sá, Pedro I e a casinha de Machado de Assis nossa paisagem, meu caro, só brasileiro e bem sem moléstia-de-Nabuco pode sentir.

— Moléstia-de-Nabuco . . .

— Pois é. Não tem moléstia de Chagas? Moléstia-de-Nabuco é isso de vocês andarem sentindo saudade do cais do Sena em plena Quinta da Boa Vista e é isso de você falar dum jeito e escrever covardemente colocando o pronome carolinamicaelismente. Estilize a sua fala, sinta a Quinta da Boa Vista pelo que é e foi e estará curado da Moléstia-de-Nabuco. Nós já temos um passado guassú e bonitão pesando em nossos gestos; o que carece é conquistar a consciência desse peso, sistematizá-lo e tradicioná-lo, isto é, referi-lo ao presente: Bilac evocando Anchieta reviveu porque não tradicionalizou Anchieta, não fez dele um valor agente pesando no mecanismo brasileiro mas uma visão desrelacionada e morta no passado. Guilherme de Almeida, em "Raça", vive os capitães da terra, os escravos, etc., porque os refere ao presente brasileiro. Reviver também dá poesia, não nego, mas é cair num saudosismo bocó-de-mola, inútil e panema. Isso só se admite numa nação. Isto é, numa entidade que já tem cultura e civilização própria. No Brasil, em que trata-se antes de mais nada de ser Brasil, sonetos como Anchieta ou poesias como "Canções Gregas" são passadismo puro, vaidade individualista, diletantismo sem função, almofadismo sem elegância verdadeira. Tradicionalizar o Brasil consistirá em viver-lhe a realidade atual com a nossa sensibilidade tal como é e não como a gente quer que ela seja, e referindo a esse presente nossos costumes, língua, nosso destino e também nosso passado.

— Vejo que discorda de Graça Aranha a respeito de nosso passado . . .

— Muitas vezes discordo dele o que não impede que o considere no valor justo. Mas acho graça nisso de fincar o pé na tal de "eterna alegria" e viver chamando os outros de românticos. Todo idealismo é romântico e tanto a dor como a alegria sistematizadas são o mesmo romantismo ruim, só mudando o sentimento ou a idealidade.

Deixe a moçada se rir ou sofrer contanto que se liberte de certos preconceitos do século XIX, vida sem Deus, unilateralização de sensibilidade, etc.

Graça prega coisa nova mas não faz e está defendendo a casa dele. Por isso ataca todo primitivismo que aliás nunca se opôs à cultura. Giotto foi cultíssimo e primitivo. Monteverde também. Porém se primitivismo não se opõe à cultura pode se opor a uma determinada cultura. De resto a gente carecia se entender primeiro sobre o conceito que dá a primitivismo, palavra larga que serve para o homem das cavernas. Para Chaucer e para o Aleijadinho. Acho sem importância isso de viver jogando ping-pong com palavras e se preocupando com nomes de batismo. Inda por cima certa aparência de primitivismo do Modernismo Brasileiro provém de que nós

um dia resolvemos ter coragem da nossa ingenuidade. Ingenuidade que existe em todo mundo, note, porém, de que tínhamos vergonha como Graça ainda tem. Puro século XIX. Pura Academia Brasileira de Letras.

— Despreza tanto assim a Academia?

— Nunca desprezei coisa nenhuma deste mundo. E acho aliás que vai indo por caminho bom.

— Não compreendo.

— Pois é: está se tornando etimológica. Reportou-se à palavra originária e resolveu fazer de si um Jardim de Academus. A Academia é o Jardim de Academus antes de Platão. Passeio amável aonde a gente vai falar sobre escândalos sociais. Só falta admitir mulheres lá dentro. Elas entrando lá a Academia fica o suco. Mas você falou que me entrevistava sobre literatura e estamos falando na Academia . . .

Passe bem.

☆ ☆ ☆ ☆

Essa entrevista do autor de "Paulicéia Desvairada" e "Clan do Jaboti", o primeiro seu livro de estréia modernista, pois antes fora o parnasiano de "Há Uma Gota de Sangue em Cada Poema", é como acima referimos de 1926, quando já era Mário de Andrade, sem contestação, realmente o chefe do movimento modernista no Brasil.

Antes, principalmente no biênio de 1923-1924, o florescimento da chamada arte nova tomara todo o país.

No Norte, especialmente em Pernambuco e no Pará, dois grupos de gente nova se formaram. No Recife, evidente é que o teria de chefiar Joaquim Inojosa, que lançou à publicidade a revista "Mauricéia" que se tornaria o órgão oficial dos futuristas pernambucanos, destacando-se entre eles, como poeta de fina sensibilidade, o infortunado Austro Costa, morto em um desastre de trânsito em 1956, e Oswaldo Santiago, que por sua vez fundou a revista "Rua Nova".

Em Belém, minha geração, que começara os primeiros passos em 1921, congregava na "Associação dos Novos" os "ansiados", como nos chamava o saudoso Angelus, artista que participara no Rio do movimento de Graça Aranha e para aqui voltara após a morte do irmão, o grande Carlos Nascimento, para ficar à testa da família, onde o velho pai já não possuía condições para tais responsabilidades. Começamos, quase todos, na "A Província do Pará", em sua segunda fase, ali na rua 13 de Maio. Uma seção denominada "Coluna dos Novos", se não laboro em equívoco, acolhia nossos versos, nossas crônicas e contos, dava-nos estímulo, enfim.

Em 1924, quando a maioria do grupo já conseguira atrair sobre sua personalidade a atenção dos maiorais das letras da terra, aqueles que a ironia de Raul Bopp, então conosco convivendo, chamava os "Jacarés Sagrados", nossa intrepidez lançara ao mundo literário, não só do Pará, mas do país, a revista "Belém Nova", que circulou de 1923 a 1929, com a interrupção de alguns meses, conseqüência das péssimas condições financeiras que tínhamos pela frente. Dirigia a revista Bruno de Menezes e depois Paulo de Oliveira.

Os poetas, em nosso grupo, primavam pela composição de sonetos, pois grato lhes era ouvir uma referência de Severino Silva, de I. Xavier de Carvalho ou de Remígio Fernandes, então considerado o terror dos principiantes. Na verdade o era, mas para com os indivíduos destituídos de qualquer centelha de talento, escrevinhadores de tolices mais ou menos rimadas . . .

Em condições assim, embora lhes acenasse a Arte Nova para deixar de lado os velhos moldes, e mesmo afirmando simpatias pela revolta de Graça Aranha e admiração pelo grupo de Mário de Andrade, não floresceu no Pará, como aconteceu em Pernambuco, a verdadeira poesia futurista.

A revelação do manifesto inojoseano entre nós mereceu, entretanto, judiciosas e simpáticas apreciações, como a do Padre Dubois, pela "Folha do Norte", e, nas colunas de "A Província do Pará", estas linhas de Romeu Mariz, poeta da Velha Guarda, contemporâneo que fora de figuras brilhantes da primeira década do século, tais os Carlos D. Fernandes, os dois irmãos Marques de Carvalho e outros integrantes da elite intelectual do jornal do Velho Lemos:

"Um moço procurou sacudir o sonolento Leão (Recife) do seu torpor: Joaquim Inojosa, esse paraibano de fibra combatente, lançou o brado de alarme à mocidade recifense . . ."

"Inojosa fez bem em salientar a adesão ao seu grupo de Raul Machado, poeta daqueles para quem Victor Hugo dizia que era fácil o verso. Leia-se Raul em sua nova fase e ver-se-á quanta harmonia e quanto ritmo existe mesmo em seus quilométricos versos de dezoito sílabas . . ."

"Mas Inojosa há de concordar conosco que, nos exemplos apresentados por si, há alguns que a estética repele. E nós lhe fazemos a justiça de acreditar que, em seu íntimo, Inojosa há de dar a esses o devido valor, só não apregoando o seu julgamento por causa da solidariedade que acima referimos".

Os antropófagos paulistas, que celebravam como acontecimento máximo da brasília história a deglutição do Bispo Sardinha pelos Caetés, enviavam-nos seu jornalzinho e praticamente nos tinham a todos os da

nova geração na conta de gente igualmente gulosa de carne humana, talvez até com a preferência que, segundo Viriato Corrêa, possuía o chefe Cunhambebe por uma perna de português para seu churrasco, chegando a recusar a comida se seus caçadores não conseguiam trazer-lhe uma peça capaz de lhe pôr água na boca. . . Da turma do "Leite Crioulo", foi Aquiles Vivacqua o que mais de nós se aproximou, em correspondência constante e remessa de seu boletim, um rodapé do "Diário de Minas", se me não engano. Um jovem poeta do Amazonas, radicado no Rio, incorporou-se com entusiasmo ao grupo de "Belém Nova", dadas as suas relações muito estreitas com Bruno de Menezes. Francisco Galvão, esse poeta, um dia entendeu também de lançar seu Manifesto, coisa que parece se ia tornando indispensável como profissão de fé para os crentes ortodoxos do Novo Credo. Tal manifesto publicou-o "BELÉM NOVA", em setembro de 1923, e estes são seus termos:

O MANIFESTO DA BELEZA — Nós estamos no instante da Beleza.

Rolaram por terra os falsos ídolos.

Nós não consentimos mais no assalto vandálico dos bárbaros — os que procuravam mentir a arte, encarcerando-a nos muros estreitos da Forma.

A Arte venceu o Artifício.

Todo aquele que atraiçoar a beleza será castigado pela sua infâmia criminosa.

Porque nós sabemos afastar o joio do trigo, o ouro da prata, o alumínio do cobre, a platina do estanho.

Os "ourives" do verbo passaram.

A Arte não admite cerceamento. Anseia e quer liberdade. Uma idéia não pode estar presa nos quatorze versos de um soneto parnasiano.

Não. Nem na simetria paralela de rimas raras e ricas, como apregoam os bufarinheiros do artifício. Não e não. Nós compreendemos a grandeza da nossa missão. O Brasil adquiriu a liberdade dos escravos, teve a democracia como forma de governo. Mas a literatura estava entregue ao contrabando criminoso dos **Pivettes** nacionais.

Copiava-se Bourget, imitava-se Zola, plagiava-se Alexandre Dumas.

Todo mundo plagiava. Todo. A poesia é a mesma da França! Vinha-nos de Paris diretamente. De Castro Alves a Alberto de Oliveira. Do condoreirismo inquieto das "Espumas Flutuantes" ao parnasianismo engomado das **Meridionais.**

Estamos no instante luminoso da Beleza.

Chegou o momento da Liberdade!

Nós estamos fazendo a Arte verdadeira, a Arte-Arte. Não copiamos e não plagiamos. Guerra de morte aos pastranos, aos nulos de toda a espécie.

Nós estamos realizando a Arte legítima. São Paulo está com as nossas idéias. "Klaxon" um grito de revolta na amplidão. Graça Aranha na Academia, com Augusto de Lima, estão vibrando com a Mocidade.

Renovação!

Nós temos ao nosso lado a inteligência luminosa de Ronald de Carvalho, a operosidade brilhante de Almaquio Diniz, a encantadora erudição de Renato de Almeida.

Renovação. Menotti Del Picchia, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Mário de Andrade, Afonso Schmidt e outros vibram ao nosso lado.

Angelus, Di Cavalcanti, Correia Dias, Cunha Barros, Paim, na pintura e na escultura, estão sob a nossa bandeira.

Renovação!

Na Música possuímos Villa Lobos. Pennafort, Jarbas Andrea, Olegário Mariano, Zolaquio Diniz, Carlos Drummond, Sérgio Buarque de Holanda, Teixeira Soares, Carlos Lobo de Oliveira, além de outros, estão vibrando em nome da arte nova.

Renovação!

Guerra sem tréguas aos imitadores! A Arte venceu o Artifício.

Renovação!

A Beleza, para o sempre a Beleza, a embriaguez deliciosa da Beleza.

Nós vencemos em nome da Beleza. Nós somos a força e a Renovação do Brasil, do Brasil que aspira e quer a vitória da Beleza.

Meus irmãos de Arte, ovelhas pacientes que vos apascentais ainda aos rebanhos, pelas planuras áridas do Parnasianismo, desgarrai-vos em nome da Beleza. Vinde ter ao nosso chamado. Porque nós estamos fazendo a grande obra da criação de uma arte puramente nossa, verdadeiramente nacional, dentro dos limites da Beleza.

Renovação! Renovação! Renovação!

(Numa tarde cheia de sol em setembro de 1923).

O Poeta autor desse Manifesto "revolucionário" publicara pouco antes, menos de um ano possivelmente, um livro denominado "VITÓRIA RÉGIA". As primeiras páginas da obra eram de homenagem calorosa ao Sr. Félix Pacheco e uma dedicatória "à saudosa memória de Olavo Bilac".

Dividia-se em Poemas Brasileiros, Poemas Anacreônticos, estes dedicados a Alberto de Oliveira, Luis Carlos, Olegário Mariano, Hermes Fontes e Martins Fontes. Seguiam-se Poemas de Amor e Poemas de Amargura. Um livro cujas produções eram na maioria sonetos, com requintes de torturado

parnasiano, alguns na verdade antológicos, em alexandrinos castigados na forma e na evidente escolha cansativa de certas rimas . . .

A Renovação do Poeta amazonense nada mais era que alentado tambor que o vate rufava com fúria, no meio da caravana em marcha e provavelmente ainda sem itinerário certo.

Isso pelo menos fazia convergir sobre sua figura, magrinha e vestida ao rigor da moda, as atenções, se não dos letrados autênticos, da mocidade ingênua o suficiente para acreditar que bastava ser modernista para ter um lugar ao sol das letras nacionais, um lugar definitivo, intocável como cadeira cativa em sala de espetáculo . . .

Como o poeta Galvão, por aqui, na Paraíba Eudes Barros, poeta parnasiano, ao clamar "Libertemo-nos! Surja um Desmoulins para levar a destruição a essa Bastilha do Espírito. Levemos à Guilhotina o primeiro tirano: — O Soneto!" fazia, no dizer do historiador de "O Movimento Moderno em Pernambuco" "ameaça para inglês ver, pois no mesmo instante poderiam ler-se gordos sonetos do poeta no jornal "A União", reduto dos passadistas locais, cuja cólera tratava de amaciar, fugindo, ele próprio, à guilhotina dos consagrados . . ."

Ora, por aquele tempo, em nosso grupo, o próprio Raul Bopp, então por aqui digressando, admirador exaltado de seu conterrâneo gaúcho Marcelo Gama, cujos sonetos gostava de repetir em nossas farândulas noturnas, era por sua vez o autor de sonetos ou poesias de perfeita métrica e indispensável rima, como esta:

GOTA D'ÁGUA

À luz rompente, matinal, cintila
a gota d'água que outra gota preme.
Célula mater, pérola ou pupila,
treme e cintila, ora cintila e treme.

Presa na ponta de um pecíolo, extreme
de irradiação de uma ágata intranqüila,
toda beijada pelo sol, vacila, . .
— delicadeza líquida que freme!

Pranto da terra e às vezes pranto humano,
plasma fecundo e humilde que germina,
aquela eterna solidão do oceano,

Dorme no orvalho e brinca entre os abrolhos,
sobe, rumo do céu, quando é neblina
desce, desfeita em lágrima, dos olhos!

Enamorado de Olinda, Bopp cantou-lhe os encantos em "Alma Noturna das Cidades", cuja última estrofe assim lhe inspirou a paisagem:

O coqueiral debruça-se na bruma
com atitudes de quem vai rezar.
Podes envelhecer com teus destinos,
que tuas lendas soluçam nos teus sinos
e na rapsódia bárbara do mar.

OS MODERNISTAS DO PARÁ

Conquistando, a pouco e pouco, a estima, e direi mesmo a admiração a que não era estranha certa dose do respeito a que sempre se impõe o talento, o grupo dos Novos, com a publicação de BELÉM NOVA, ganhara, dentro de breve tempo, uma espécie de liderança espiritual, alicerçada principalmente na simpatia e no apreço dos grandes expoentes da cultura, os Luis Estevam de Oliveira, I. Xavier de Carvalho, Severino Silva, Augusto Meira, Luis Barreiros, Manoel Lobato, Fran Pacheco . . .

De início, a Associação dos Novos contava apenas com Paulo de Oliveira, seu idealizador; Wenceslau Costa, De Campos Ribeiro, Waldemar Lisboa Messias, R. Nonato, Edgar de Brito Pontes, Mário Platilha, Luis Moraes, A. Ribeiro de Castro. Depois, outros chegaram. Clovis de Gusmão, o nosso Benjamim; Santana Marques, Lauro Paredes, Farias Gama, cujo livro ÁGUAS E SELVAS, um retrato panteísta e social da alta Amazônia, mereceu, postumamente, o laurel de Menção Honrosa concedida pela Academia Brasileira de Letras; Abguar Bastos, criador de imagens estranhas em sua poesia; Júlio Nazaré de Sá, Benedito Cordeiro, para quem o Pecado tinha cheiro branco; Bruno de Menezes, que vinha de uma geração anterior; Luis Teixeira Gomes e Lindolfo Mesquita, poetas humoristas de cintilante verve, escrevendo sob os pseudônimos, respectivamente, de Jaques Flores e Zé Vicente; e uma mulher, Brites Mota, bela mulher e poetisa brilhante, que escrevia alexandrinos deste quilate:

Renuncia a este amor, dá-me a paz, o abandono
que te peço a chorar, meu eterno impossível . . .
Não me fales de amor, cavaleiro invisível,
nem me contes teu mal, fantasma do meu sono!

A esse grupo viria dentro em pouco juntar-se, formando a unidade valorosa de nossa geração, a talentosa e fraternal, a imaginosa e otimista Eneida, já àquele tempo apaixonada de tudo quanto é da nossa terra, em suas paisagens, em sua força telúrica, na doçura da alma de sua gente.

Com Eneida, Orlando de Morais, emotivo troveiro das "FOLHAS AO VENTO"; Sandoval Lage, que tinha seu posto na A SEMANA, revista onde Edgar Proença se fizera o pioneiro da crônica social de leveza graciosa; e Wladimir Emmanuel, que sabia pontilhar seus versos de ironias e sutilezas, reunidas depois em seu BREVIÁRIO DE MALÍCIA E BEM VIVER, tendo antes de os dar a lume obtido o prêmio da Academia Brasileira de Letras por seu livro de poemas POROROCA, o que só se verificou diante da ação de Oswaldo Orico contra manifesta má vontade de Olegário Mariano, que teria outro candidato à láurea.

Wladimir morreu, no Rio, onde se radicara desde longo tempo, há pouco mais de um ano. Dele, longe em longe me surpreendia gratamente uma longa carta, sempre terminada com dois ou três sonetos, impregnados, porém de muita amargura disfarçada de sarcasmos para com a vida e os homens . . . Ligava-nos além dos estos de bravura litarária da adolescência o fato de que fôramos calouros na mesma turma do Ginásio Paes de Carvalho e sofrêramos os duros castigos infligidos pelos veteranos. E levávamos quedas idênticas no desenfreado futebol do pátio . . . A saudade daquele companheiro e amigo leva-me a registrar aqui duas alertadoras lições de seu BREVIÁRIO:

Ainda que adores a mulher que te ame,
usa de hábil conduta
para evitar que em sua alma se derrame
a "moléstia do sono da paixão":
— a Certeza Absoluta . . .

Com meiguice e dulçor,
faze com que seu coração
de amante
num lindo templo indiano se transmude,
onde, bem junto ao ídolo do Amor,
ondule, bruxoleie a todo instante
uma pequena chama de Inquietude . . .

Se tens vizinhas abelhudas, dessas
que fiscalizam a rua ponta a ponta,
toma os seus gestos na devida conta
sempre que antes da hora ao lar regressas . . .

Se elas se calam ao ver-te, e, gravemente
respondem ao teu saudar,
deves, mais alguns passos, bruscamente,
volver o olhar . . .

Se as surpreenderes numa troca insana
de gestos, cada qual mais expressivo,
isso é um rude sintoma positivo:
tua mulher te engana!

Éramos, todos nós, os "ansiados" de Angelus, um grupo intelectualmente homogêneo, malgrado diversificações de pensamento, isso quanto à disparidade característica de determinadas idéias, até no entendimento das regras de moral prática. Tínhamos temperamentos irrequietos, como Paulo de Oliveira, caboclo talentosíssimo, de operosidade fecunda e audaz, mas constante na busca de um motivo de polêmicas, quase sempre desnecessárias senão inúteis, que lhe não granjeavam mais do que rancorosas antipatias. Era seu feitio, embora agasalhasse no peito um coração capaz dos maiores extravasamentos de ternura humana. Gostava das frases extravagantes, das classificações como a que deu, numa crônica, à escritora paulista Maria Lacerda de Moura, que enxergou como um Vargas Villa de saias, uma assombrosa organização de jornalista panfletária.

Mas do grupo, como poetas, foram modernistas autênticos, Eneida, que mais perto andou em seu livro TERRA VERDE dos antropofagistas paulistanos; Sandoval, com sua LENDA DA GARÇA BRANCA; Bruno com o BAILADO LUNAR; Muniz Barreto e Wladimir, estes mais moderados, e finalmente Abguar Bastos.

Este, que era para mim como um irmão afetuosíssimo, nas suas exigências de modernismo, ao escrever sobre meu livro de estréia — ALELUIA — deu à sua crítica o título de ESPÍRITO IRRADIANTE PARA UMA ARTE DECADENTE . . .

Foi de Abguar o que então se classificou como grito alvoraçante de verdeamarelismo artístico, o Manifesto que denominou FLAMI—N'—AÇU aos intelectuais paraenses. Assim nesse manifesto se expressou o poeta:

"Não é um apelo de audácia nem de reclamo. É um apelo de necessi-

dade e independência.

Como há dois anos atrás, recorro ao meu dundunar de sapopema oriunda — porque eu vos falo da ponta de um planalto amazônico, entre selvas, uiaras e estrelas.

Sapopema é o clamor do viajeiro que se perdeu nas matas e apela; não é só isto, pode ser, também, o símbolo da voz da mocidade que teve comigo idêntica maqueira d'oiro para um sonho extraordinário de liberdade literária.

Ride, ó vós que não atinardes com as minhas palavras, ride-vos, a socapa, escondidos nos cipós da intriga como curupiras de casaca a assoviar feitiços atrás das encruzilhadas. Ride.

Eu terei a serenidade dos morubixabas heróicos e sorrirei, também, de vossa agonia em me não compreender.

OUVI: Primeiramente vós poetas e prosadores divinos da minha geração; depois de vós, prosadores e poetas apagelados à sombra das vossas tabas primitivas e que estais a ver, espetados em paus sagrados, os despojos, as glórias, as caveiras — das vossas escaladas às cordilheiras da Ilusão. Àqueles a minha voz vai confiada. A estes ela se intimida. Àqueles ela se recolhe como um zangão à sua colmeia. A estes ela recalcitra. Não que os receie no choque, mas, de fato, porque eles não procurarão, sem esforços dolorosos, metê-las em suas sacolas de Arte.

Assunto-vos agora o meu propósito de uma corrente de pensamento, cara a cara À QUE SE INICIA no sul com esta pele genuína: "Pau-Brasil".

Oiço, rascantes, os agudos de serrotão das gargalhadas puristas. E oponho-lhes, seguro, esta verdade: nem um dos garimpeiros desse bando correu à briga, sem ter uma bagagem de vulto onde toda a gente meteu a mão e trouxe pepitas faiscantes. Eles correram, escoteiros, todas as escolas, acordando, maravilhosos, o ritmo do universo, com a mais intuitiva segurança. E venceram. E glorificaram-se. E entenderam, por fim, que nem uma delas era verdadeira para o espírito nacional.

Rasgaram, pois, as redes do passadismo e deixaram passar a piracema da mais alta expressão da independência emocional.

Houve balbúrdia, como em chinfrim de tasca, atoa, mirabolante até, num grande revoar de papagaios arrepiados, papagaios teratológicos, porque tinham dentes de oiro no bico e poleiros de jacarandá.

Pesar disso, noto, inflexível, que o repiquete "pau-brasil" ainda não é o próprio volume da nacionalidade.

Daí a minha idéia com um título incisivo: — FLAMI—N'—AÇU. É a grande chama, indo-latina, daquilo em que eu penso poderem apoiar-se as gerações presentes e porvindoiras.

FLAMI–N'–AÇU é mais sincera porque exclui, completamente, qualquer vestígio transoceânico; porque textualiza a índole nacional; prevê as suas transformações étnicas; exalta a flora e a fauna exclusivas ou adaptáveis do País, combate os termos que não externem sintomas brasílicos, substituindo o cristal pela água, o aço pelo acapu, o tapete pela esteira, o escarlate pelo açaí, a taça pela cuia, o dardo pela flecha, o leopardo pela onça, a neve pelo algodão, o veludo pela pluma de garça e samaúma, a "flor de lotos" pelo "amor dos homens"... Arranca, dos rios, as maravilhas ictiológicas; exclui o tédio e dá, de tacape, na testa do romantismo, virtualiza o Amor, a Beleza, a Força, a Alegria, e os heróis das planícies e dos sertões e as guerras de independência; canta, ruidosa, os nossos usos e costumes, dando-lhes uma feição de elegância curiosa.

E, assim, FLAMI–N'–AÇU marchará, selvas a dentro, montanhas acima, conservadora, patriótica, verde-amarela.

FLAMI–N'–AÇU não é um estorvo aos grandes charivaris da civilização. Não! Ela admite as transformações evolutivas. O seu fim especialíssimo e intransigente é dar um calço de legenda à grandeza natural do Brasil, do seu povo, das suas possibilidades, da sua história.

Entrego aos meus irmãos de Arte o êxito desta iniciativa, lembrando que o Norte precisa eufonizar n'amplidão a sua voz poderosa".

O manifesto de Abguar, escrito no Acre, foi de 1927. Três anos antes, entretanto, ele escrevera estes períodos:

O Pará tem tudo, tem e vai criando os seus poetas de raça, poetas encantados, de heptacórdios de hidromel, poetas que jamais se confudem, porque perfeitamente podem hiperbolizar a sua independência.

Presentemente, Severino Silva é a clássica poesia regional; José Simões a representação lírica; Rocha Moreira o documentador panteísta; Carlos Nascimento e I. Xavier de Carvalho os filósofos aprimorados, sendo a meu ver, o último, o maior sonetista do PARÁ; Remigio Fernandes, o estatutário metafísico, e Eustachio de Azevedo a ancestralidade multiforme.

Entre os que surgem de há três anos para cá, basta o triângulo d'oiro da mais alta significação poética dos últimos tempos: – Bruno de Menezes, Ernani Vieira e De Campos Ribeiro. Está sobre os ombros desses **snobs** de hemistíquios a responsabilidade direta do Pará maravilhoso de amanhã. Esses não têm Escola, amoldam-se ao ambiente e às perspectivas, com a naturalidade dos clarividentes superiores. O verdadeiro Poeta é aquele que não tem escolas. É o que percorre todas as Escolas e em todas elas se sente bem. E assim são eles.

Abguar naquele escrito citava um grande nome da nossa Poesia:

Ernani Vieira. Amazonense de nascimento, esse poeta aqui sempre viveu e morreu, se vida se pode chamar, e não morte lenta, minuto a minuto, sua desgraçada existência. Acometido desde a meninice do mal de Hansen, viveu isolado, poetando em toda escola, fazendo humorismo até, criando imaginosamente neologismos como o gerúndio do verbo acetileniluminar, para um quadro de rua, ou rimando extravagâncias que em seus versos tinham graça e até elegância verbal.

Como em São Paulo e Minas, também aqui e no Recife os novos se criaram um título distintivo. Lá eles eram os Centauros Iconoclastas; nós (e o título foi criado pelo Bruno) passamos a nos dizer os Vândalos do Apocalipse.

Nobres Conselheiros: Já bastante me alonguei nestas remembranças que objetivam assinalar a influência do movimento renovador, deflagrado pelo escritor imortal que foi Graça Aranha, na vida intelectual do Pará.

A condição de ter pertencido à Juventude Literária daqueles dias tendo deles a inteira vivência, foi a razão principal da tarefa que às minhas modestas possibilidades entre V. Exas. quiz, bondosamente, confiar o nosso ilustre presidente da Câmara de Letras e Artes, a que pertenço neste Egrégio Conselho, o que para mim significa altíssima honraria.

Não quero porém terminar este despretensioso trabalho sem assinalar a poesia daqueles de minha geração que foram realmente modernistas.

Assim, temos:

De Bruno de Menezes:

Oiro fluído,
áureo sol! Um dia de Verão nas terras do Brasil.
Quando estás no Zênite
cuido
que em ti
— laboratório químico, o Calor
fabrica o pó fecundador
primaveril . . .

O dia é flavo, a Terra é morna,
o ar amodorra, em combustão.
Lampeja o verde vivo
da folhagem. O ambiente
causa um torpor doentio de madorna.

Mas o Verão
é rubro incêndio comburente,
ateado na floresta
pela mão de quem
semeia.

Derriba e cresta,
— é o fogo . . . E após, se alteia
em verde sementeira — é a Luz do Bem.

Ouro fluído . . . Verão transluminar!
Cego para te ver, beijo teu nome:
és tu a imagem deste incêndio secular
em que todo o meu ser se calcina e consome.

E Abguar Bastos, para terminar essas citações. É um exemplo de Poesia FLAMI—N'—AÇU.

Ela vai sozinha tropeçando nas colheitas.
Bate-lhe o sol nos ombros. Ela sente que um gosto humano
deflora-lhe a boca e ilumina-a de absurdos.

Parece que um chôro quer sorri dentro de sí.
Parece que o sangue dentro de sí quer mata-la
e jogar-lhe clarões por cima

Aquilo é o Universo que se despenha dos seus cabelos.

Nobres Conselheiros. Disse linhas acima que nós, os "ansiados", iniciantes de 1921, éramos um grupo intelectualmente homogêneo, malgrado certas diversificações de pensamento. Uma coisa, porém, eu comovido afirmo: nenhum de nós pecou por infidelidade aos ideais que nos animavam a Juventude ensolarada. Nemhum de nós, também, nas estroinices que não eram mais que espiritual atitude, jamais pretendeu ser um daqueles boêmios celebrados num soneto de Raul Bopp, que partem da vida bêbedos de vinho e entram na morte bêbedos de sonho . . .

De toda aquela mocidade quantos velhos hoje restam? Que eu saiba, ao certo, Eneida no Rio com a mesma fecundidade espiritual, o mesmo enamorado benquerer pela terra que é nossa; Abguar, lá por São Paulo, não sei se ainda guardando no coração de poeta, em nosso crespúsculo, uns

restos do Verão que era sua inquietude criadora. Aqui, restam Lindolfo Mesquita, Mário Platilha, Lauro Paredes, Waldemar Messias, e este humilde contador da história que VV. Exas. com paciência ouviram...

E creiam, meus ilustres, meus prezados confrades, que qualquer daqueles que já empreendeu a viagem sem retôrno deve ter partido, como eu partirei, quando chegar minha hora, sem se indagar, amargurado, como o Poeta dos POEMAS SATURNINOS: Tu, que em pranto te lamentas, que fizeste da tua mocidade?

Graça Aranha (de pé), ao lado de Joaquim Nabuco e Carlos Magalhães de Azevedo (sentados, da esquerda para a direita).

Graça Aranha, Caricatura de Di Cavalcanti, 1922. Col. Musatti.

Ronald de Carvalho, Graça Aranha e Renato Almeida, fotografia de 1922.
Col. Renato Almeida.

Grupo de intelectuais "modernistas" no Estado do Pará — 14 de junho de 1924 — Belém do Pará: de pé, da esquerda para a direita: Paulo de Oliveira, Bruno de Menezes, Edgard de Souza Franco e Farias Gama. Sentados, na mesma ordem: De Campos Ribeiro, Abgar Soriano de Oliveira (pernambucano) e Clóvis de Gusmão.